

ZOTTIS, Giovanna. **Saída de Emergência: oficina e intervenção – relato sobre experiência formativa na relação do nariz vermelho com rua.** Campinas: UNICAMP. UNICAMP; Mestranda; Orientação Renato Ferracini. Graduada em Teatro: Licenciatura UERGS/FUNDARTE, Montenegro/RS. Atriz, professora de teatro, produtora cultural e palhaça, integrante e fundadora da TrupeZonaDeTeatro e do NIC - Núcleo de Investigação Clownesca, Porto Alegre/RS.

## RESUMO

O presente texto trata da apresentação de trabalho intitulada “Saída de Emergência: oficina e intervenção – relato sobre experiência formativa na relação do nariz vermelho com rua”, realizada no VIII Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas. A mesma foi composta pelo breve relato da experiência de formação da autora; pelo relato da experiência formativa continuada chamada Saída de Emergência (oficina/intervenção) desenvolvida durante dois anos em Porto Alegre; e pela apresentação de registros fotográficos da mesma. No relato é apresentado o desenvolvimento e aprimoramento da estrutura da Saída de Emergência ao longo de suas 25 edições, bem como traz um ponto de vista sobre as potencialidades do palhaço na relação com o espaço urbano. A autora relaciona estas experiências, apontando os caminhos que levaram a elaboração de sua atual pesquisa de mestrado em andamento no PPGADC/UNICAMP.

**Palavras-chave:** Palhaça. Rua. Nariz Vermelho. Formação. Saídas de Palhaço.

## ABSTRACT

This paper deals with the presentation of a work entitled "Emergency Exit: workshop and intervention - report on formative experience in the relation of the red nose to the street", held at the VIII Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas (International Symposium on Contemporary Scenic Reflections). The presentation was composed by the brief report of the author's studies experience; by the report of the continuous formative experience called Emergency Exit (workshop / intervention) developed during two years in Porto Alegre; and by the presentation of its photographic records. In the report it is presented the development and improvement of the structure of the Emergency Exit throughout its 25 editions, as well as bringing a point of view on the potentialities of the clown in the relation with the urban space. The author relates these experiences, pointing out the paths that led to the elaboration of her current master's research in progress at PPGADC / UNICAMP.

**Keywords:** Clown. Street. Red Nose. Training. Clown's intervention.

Começo este relato dividindo um pouco de como foi minha aproximação com o nariz vermelho.

A palhaçaria foi aos poucos entrando na minha vida. Os primeiros cursos foram experiências espaçadas. A primeira oficina foi em 2003, no mesmo ano em que comecei minha formação em teatro. Tinha 18 anos. Naquela oficina, em uma semana deveria nascer minha palhaça. Ao final lembro de ter pensado que aquela tinha sido uma experiência confusa, interessante, mas que, infelizmente, eu não deveria ser uma pessoa muito engraçada. Achei que “não servia pra ser palhaça”. A segunda oficina foi em 2007, durante a faculdade, ali reacendeu a vontade de estudar mais e “quem sabe um dia ser palhaça”. Mesmo assim, a terceira oportunidade só foi surgir em 2011, já formada na universidade, queria mais uma vez me aproximar da linguagem. Neste ano eu estava montando um espetáculo infantil autoral e buscava na memória lembranças da minha infância. Diversos elementos da palhaçaria estavam presentes. Dessa vez pensei: “usando o nariz vermelho ou não, essa linguagem me interessa muito.”

Havia desde o princípio a curiosidade, o desejo e um encantamento pela palhaçaria. Entre o experimentar e o seguir desenvolvendo sentia que me faltavam instrumentos e parceiros de pesquisa. Mais tarde percebi que, principalmente, me faltava maturidade, coragem e decisão para encarar esse aprofundamento. Foram somente nos últimos 6 anos que passei a me debruçar mais.

Por volta do ano de 2013 Melissa Dornelles<sup>1</sup> passou a integrar o grupo de teatro do qual eu fazia parte trazendo consigo mais de 10 anos de experiência na palhaçaria. Desde 2008 ela já ministrava oficinas de “Iniciação ao Clown” anualmente na cidade de Porto Alegre e passou a propor oficinas dentro do grupo, através do Projeto Usina das Artes<sup>2</sup>, as quais eu pude acompanhar de perto. A partir desse momento as oficinas, cursos, experimentações, pesquisas, e processos de montagem de espetáculos na linguagem se tornaram mais constantes.

Acredito ser importante salientar que as abordagens da linguagem do palhaço que chegaram até mim têm uma base comum vinda do estudo das máscaras proposto por Lecoq<sup>3</sup>. Ainda assim, cada ministrante tende a incorporar aspectos de influências outras e diversas, que vão conferindo certas particularidades na abordagem. Penso ser importante reforçar aqui que os aspectos que descrevo dizem respeito a forma como o estudo da palhaçaria

---

<sup>1</sup> Melissa Dornelles é atriz, diretora, professora e palhaça gaúcha. É bacharel em Artes Cênicas pela UFRGS. Em sua formação como palhaça estudou com Philippe Gaulier, Ricardo Puccetti, Ana Elvira Wuol entre outros.

<sup>2</sup> O Projeto Usina das Artes, começou em 2005 com a vontade de ocupar do Centro Cultural Usina do Gasômetro com grupos de teatro, circo e dança para pesquisa artística continuada na cidade de Porto Alegre. É um projeto de lei municipal que visa a ocupação do Centro Cultural Usina do Gasômetro. Durante a vigência do projeto na Usina do gasômetro oito salas foram disponibilizadas para a ocupação de 10 grupos, que desenvolveram seus trabalhos de criação e experimentação artística e também realizaram apresentações de espetáculos e oficinas no local, abertas à população em geral. O edital, que era renovado anualmente, teve seu último lançamento em 2016.

<sup>3</sup> Jacques Lecoq (1921 - 1999) nasceu em Paris onde fundou e ensinou na escola École Internationale de Théâtre Jacques Lecoq.

chegou até mim, e não a única maneira de se fazer ou estudar o palhaço. Segundo essa linha o ator busca encontrar o seu Clown Pessoal<sup>4</sup>.

Essa busca foi se tornando cada vez mais intensa. Para além do estudo de uma técnica, o mergulho para dentro de si proposto pela abordagem ganhou a dimensão do autoconhecimento sendo este um dos elementos a partir do qual se elaboravam as propostas cênicas.

Para realizar tal mergulho era necessário fazer as pazes com a criança que fomos e com tudo o que ela representa, despertando a nossa curiosidade pelo mundo e pelo outro, bem como o desejo pelo jogo e pela ludicidade. Através disso, trabalhávamos a aceitação e exposição dos nossos aspectos ridículos (e risíveis) e de nossas falhas, invocando também a capacidade de se reinventar e de não levar a vida tão a sério.

Durante este processo, na busca pela parte clown que em mim habita, as “Saídas de Palhaço” se mostraram muito enriquecedoras.

Esse é um termo e um método bastante comum pra quem estuda a linguagem. Consiste, basicamente, em ir para a rua de palhaço e pôr-se em relação com o mundo. É comum em cursos de maior duração que se tenha um momento de saída guiada por quem ministra. Essas saídas podem servir a diversos propósitos, dentre eles, para se observar a lógica pessoal de cada palhaço, e também para vivenciar o palhaço fora do ambiente sala de trabalho/colegas palhaços, colocando-o em relação com a realidade local e o cotidiano da cidade.

Particpei de diferentes propostas de “Saídas de Palhaço” cada qual com suas particularidades. Além das experiências em oficinas, também experienciei diferentes modelos com o NIC - Núcleo de Investigação Clownesca<sup>5</sup> e com a TrupeZonaDeTeatro<sup>6</sup> com o intuito de aprofundar o estudo da linguagem. Algumas estavam mais focadas na relação, outras no jogo, e outras na encenação.

Mas houve uma experiência, em especial, que me fez ampliar o olhar sobre a relação do palhaço com a rua: A Saída de Emergência. Essa foi uma oficina/intervenção realizada mensalmente de fevereiro de 2014 a maio de 2016, juntamente com meus colegas de grupo<sup>7</sup>, dentro do Projeto Usina das Artes, em Porto Alegre. Idealizada e coordenada pela atriz e palhaça Melissa Dornelles, era direcionada para palhaços ou interessados em experimentar a linguagem. Era composta por um aquecimento em sala após o qual saíamos

---

<sup>4</sup> A pesquisa do clown próprio de cada um é, primeiramente, a pesquisa de seu próprio ridículo. Diferentemente da *commedia dell'arte*, o ator não tem de entrar num personagem preestabelecido (Arlequim, Pantalone...). Deve descobrir nele mesmo a parte clown que o habita. Quanto menos se defender e tentar representar um personagem, mais o ator se deixará surpreender por suas próprias fraquezas, mais seu clown aparecerá com força. (LECOQ, 2010: 214)

<sup>5</sup> O Núcleo de Investigação Clownesca – NIC - surgiu em março de 2016, sob a coordenação de Melissa Dornelles, mantém desde então uma pesquisa continuada na cidade de Porto Alegre/RS. Atualmente é formado por dez palhaças/pesquisadoras: Alessandra Matzenauer, Carla Vendramin, Giovanna Zottis, Kalisy Cabeda, Letícia Moreira, Lolita Goldschmidt, Luciane Prestes, Luzia Ainhoren, Patrícia Rocha e Silvana Sílvia.

<sup>6</sup> A TrupeZonaDeTeatro é formada pelos artistas Fábio Castilhos, Giovanna Zottis e Luzia Ainhoren. Conta com a colaboração permanente da atriz, diretora e palhaça Melissa Dornelles e do músico Sérgio Baiano, além de parcerias com outros artistas e coletivos. Formada em 2015, tem como pilares de sua pesquisa teatral a linguagem do palhaço, a improvisação, a dramaturgia autoral e o teatro físico. O grupo também ministra oficinas, workshops e realiza intervenções artísticas.

<sup>7</sup> No primeiro ano com o Grupo Trilho de Teatro Popular, e no segundo ano com a TrupeZonaDeTeatro.

para um passeio pela Orla do Guaíba conduzindo um grupo de, em média, 20 a 30 palhaços. Ao final, de volta à sala de trabalho, era realizada uma partilha. Foram 25 edições, das quais participei de 23 (3 como palhaça, 1 como proponente ao lado de Melissa, e 19 como “guardiã” - como era chamada a equipe de apoio).

Ao longo das edições essa estrutura foi se aprimorando. O aquecimento em sala focava principalmente no jogo - trazendo os aspectos da ludicidade, prontidão, disponibilidade física, desafio e superação, prazer, entrosamento e descontração - e na sensibilização e aguçamento do olhar e da escuta. Sempre muito atenta Melissa conduzia para a colocação do nariz vermelho durante o aquecimento, e da mesma maneira indicava a retirada do mesmo sempre que precisasse da atenção dos participantes para indicações precisas. A condução também ganhava detalhes únicos a cada vez, variando a partir da percepção de Melissa para as necessidades do grupo que havia se formado naquele dia. Após, um momento para os adereços cênicos, trazidos pelos participantes ou oferecidos pelo grupo. Os participantes experimentavam, e os ministrantes sugeriam - aos poucos também eu como guardiã - a retirada de excessos que acabassem por esconder mais do que revelar as características pessoais.

Antes do passeio eram dadas algumas indicações precisas, dentre elas: de que a Saída de Emergência era uma saída coletiva, por mais que houvessem espaços para interações mais individuais, deveríamos estar sempre atentos ao grupo; Era indicado evitar o uso da palavra, principalmente àqueles que estavam iniciando na linguagem, para assim experimentar outras formas de comunicação; Em caso de desconforto, os participantes deveriam aproximar-se dos palhaços guias<sup>8</sup> ou dos guardiões, podendo inclusive, por vezes, retirar o nariz e seguir ao lado de um guardião observando a saída; Caso lhes fossem solicitada uma explicação sobre a ação, os participantes deveriam indicar um dos guardiões.

O público, por sua vez, seria surpreendido pelo encontro com um grande número de palhaços. A indicação era não ser invasivo, e perceber quando havia uma abertura real para interação. A sensibilidade para perceber o convite para a troca e a aproximação era bastante enfatizada. Sendo assim, os jogos individuais com o público deveriam partir de um convite vindo das pessoas, lembrando sempre que muitos jogos poderiam acontecer à distância.

O passeio durava em torno de 40 minutos e era acompanhado pelos guardiões, dois ou três, identificados com camisetas do grupo. Aos poucos o passeio também foi ganhando formas mais definidas, mas sem fechar a estrutura para novas possibilidades. “Cada saída é uma saída”- nos lembrava Melissa atentando para seu aspecto único e efêmero. Com frequência, algum jogo realizado no aquecimento era repetido durante o passeio e era comum que pessoas do público participassem. Por vezes surgiam jogos espontaneamente, jogos populares ou jogos “inventados”, que ganhavam aderência do público. Outros elementos foram se repetindo nas edições e passaram a fazer parte das saídas como elementos de apoios ou “bóias”, como Melissa costumava se referir a eles: a corda de pular, que por vezes era usada

---

<sup>8</sup> Melissa e mais algum outro palhaço ou palhaça com mais experiência que conduziam o aquecimento e o passeio. Durante as indicações finais antes do passeio eram apontados também, dentre os participantes, os palhaços presentes já com alguma experiência ou aqueles que já haviam participado da ação em edições anteriores, para que os participantes também pudessem tê-los como referência durante o passeio.

durante o aquecimento, virou corda de passeio (como era comum ver em passeios escolares) para conduzir o grupo unido em trechos específicos; eram distribuídos alguns pequenos bilhetes aos participantes que poderiam ser entregues aos passantes com quem se desenvolvesse uma relação mais próxima, o conteúdo era “surpresa” e deveria ser lido na hora da entrega; por vezes usávamos placas com algumas palavras que chamavam para interação, em outras levávamos duas faixas grandes que se completavam com as frases “relaxa, respira...” “não pira!”, e seriam expostas em algum momento da saída.

Ao final do tempo estipulado retornávamos à sala e logo na chegada era proporcionado um breve momento para que os participantes entrassem em contatos com as emoções geradas. Após, fazíamos um grande círculo, onde sentávamos todos (participantes, ministrantes e guardiões) e partilhávamos as impressões daquela saída.

A função do guardião também foi ganhando contornos mais definidos. Tínhamos funções relacionadas à produção como controlar o tempo, fechar e abrir a porta da sala, carregar água, placas e corda quando necessário, fotografar e manter o grupo unido nos deslocamentos. Com frequência me via a “contar palhaços”, para verificar se havia algum mais distante do grupo, chamando e evitando que se perdesse. Também tínhamos a função de explicar a ação a quem perguntasse.

- Eles não têm mais o que fazer, né? – diz um homem ao vendedor ambulante após a passagem dos palhaços.

- Eles estão trabalhando. É o pessoal do teatro que trabalha aqui na Usina do Gasômetro. – diz o vendedor ao homem.

Fui percebendo que aqueles que frequentavam ou trabalhavam no local também foram se apropriando da ação a ponto de explicar aos outros frequentadores do que se tratava.

Como guardiã, encantava-me a possibilidade de presenciar as transformações que ocorriam no local após a passagem dos palhaços. E sempre que possível trazia na partilha essas percepções. Eram os “rastros” da passagem, como costume dizer. Foram grandes oportunidades para vivenciar e observar a potencialidade do palhaço na rua.

- Que idiota, né? – Diz o irmão mais velho.

- Eles só tão brincando. – Explica o irmão mais novo.

Também os participantes traziam seus relatos e impressões sobre o contato com o público. Com frequência essas reflexões acabavam se ampliando do âmbito particular para a esfera social.

- Tinha uma criança perto da escada. Ela queria tanto brincar com a gente, mas eu acho que os pais estavam com muita pressa. A gente anda sempre tão apressado, né? - diz um dos participantes em uma das partilhas.

Passei a ver na máscara seu potencial para desacomodar: ao abordar questões das mais diversas e ao mesmo tempo comuns a todos. Assim, o palhaço nos diverte e também nos convida a reflexão.

Acredito ter sido essa experiência formativa uma possibilidade de pedagogia de resistência, que vai na contramão de uma sociedade que valoriza o útil em detrimento do humano, e que distancia o trabalho do prazer. Nestes dois anos mais de 300 palhaços passaram pela Saída de Emergência, muitos dos quais retornaram. Por ser uma oficina/intervenção gratuita destinada à palhaços ou interessados, se tornou um espaço de democratização, troca e

pesquisa na linguagem. Sobre isso, transcrevo aqui, de forma livre, algumas palavras de Melissa ditas recentemente em conversa telefônica:

- A Saída de Emergência foi um trabalho de fato muito transformador para muitas pessoas. Hoje, refletindo, percebo que foi um momento em que as condições externas de espaço e tempo, local e estrutura física, conspiraram para que esse projeto acontecesse da maneira como aconteceu. Essa democratização formativa, a que te referes, só foi possível pois fazíamos parte do projeto Usina das Artes, financiado e mantido pela Prefeitura de Porto Alegre. Isso nos proporcionou ter algo básico: um espaço gratuito para trabalhar. Além disso, é importante destacar algumas das características do lugar (a Usina do Gasômetro): ser de fácil acesso (central) e com frequentadores bastante ecléticos (vinham pessoas tanto de periferias da cidade quanto de lugares economicamente mais privilegiados). Existia toda uma estrutura que favorecia a Saída. Tínhamos espaço, estrutura e parcerias. Por isso foi possível fazer o que fizemos. Chegamos a acolher 40 participantes em uma das edições! E houve sempre um prazer e um frescor em ir construindo esse trabalho. Depois de seis edições aproximadamente já tínhamos o formato, com regras específicas. Sem nunca perder de vista o respeito com o espectador, conduzindo, com muita amorosidade, esse trabalho de criar conexões verdadeiras com as pessoas. Acredito ter sido por isso que tantas e tantas pessoas voltaram em mais de uma edição. Até hoje recebo mensagens perguntando quando vai ter outra.

A Saída deixou de acontecer com o fim das condições apontadas por Melissa. A primeira delas diz respeito a revitalização da Orla do Guaíba. As obras que iniciaram em outubro de 2015 tinham como previsão inicial a conclusão em abril de 2017 mas só foram realmente concluídas em junho de 2018. Nos primeiros meses de reforma o fechamento da orla foi parcial, assim foi diminuindo o espaço de circulação, mas ainda era possível realizar atividades na orla. A partir de 2016, o espaço foi ficando cada vez mais restrito, já não havia mais espaço para feira popular ou para os vendedores ambulantes. Com o isolamento provocado pelas obras o local foi ficando perigoso de frequentar. Ainda fizemos algumas saídas em duas praças próximas ao local, porém, já com uma presença bem menor de frequentadores. A segunda condição que deixou de existir foi o próprio edital Usina das Artes. Em maio de 2017, ainda durante a reforma da orla, encerrou-se o edital vigente e não houve renovação. O prédio da Usina do Gasômetro foi fechado para reforma e os grupos que faziam parte do edital foram transferidos para uma antiga escola, de difícil acesso, sem nenhum auxílio da prefeitura. Agora, em 2019, a orla está revitalizada. Porém, não existem mais vendedores ambulantes e nem feiras populares. As obras do prédio da Usina do Gasômetro ainda não começaram e não existe previsão de abertura do Edital Usina das Artes.

Atualmente estou desenvolvendo minha pesquisa de mestrado intitulada "O Nariz Vermelho e a Rua – uma permissão para olhar: Procedimentos para aprofundamento e criação na linguagem do palhaço na relação com o espaço urbano.". Resumidamente, esta metodologia se baseia nos modelos distintos de saídas de palhaço que experienciei. Na perspectiva de uma criação "da rua para a rua" é mantido o constante diálogo, durante todo o processo, entre rua e sala de trabalho.

Percebo que a pesquisa também está bastante influenciada pelas vivências da Saída de Emergência. E compartilhar esta experiência no Simpósio foi bastante esclarecedor no sentido de verificar e compreender melhor as relações entre a minha trajetória e a pesquisa em desenvolvimento.

Em uma sociedade onde olhar demais para alguém ou ser olhado em demasia por outrem causa, em geral, espanto, o nariz vermelho surge como uma espécie de permissão social para olhar e ser olhado. Ao propor outra maneira de ver o mundo, o palhaço nos convida a olhar de novo, a olhar com uma nova perspectiva. Esta simples permissão, tão libertadora, já carrega em si potenciais de transformação. A transgressão é inerente ao jogo do palhaço. Poderia se dizer, assim, que o palhaço é um elemento desautomatizador e transformador das relações do cotidiano, já enrijecidas.

A Saída de Emergência foi para mim um movimento de descoberta e afirmação da rua como espaço de arte, diálogo e resistência, com a perspectiva de estabelecer e desenvolver uma relação mais humana em sociedade.

#### **Alguns registros fotográficos:**



Foto 1. Aquecimento. Outubro de 2014. Foto: Gabriel Görski da Rocha



Foto2. Passeio. Novembro de 2015.Foto: Aurea Araujo.



Foto 3.Passeio. Novembro de 2015.Foto: Aurea Araujo.





Foto 4. Passeio. Dezembro de 2015. Foto: Giovanna Zottis



Foto 5. Partilha Final. Dezembro de 2015. Foto: Giovanna Zottis



Foto 6. Passeio. Maio de 2016. Foto: Luzia Ainhoren

**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Oficina/Intervenção de Palhaço

SOBRE: Uma aula que servirá de aquecimento para um grande passeio de palhaços pelos arredores da Usina do Gasômetro. Sem pré-requisitos.  
MINISTRANTE: Melissa Dornelles  
QUANDO: 22 de maio (domingo), das 14h às 17h.  
ONDE: Canto 400 (Sala 400 da Usina do Gasômetro).  
INSCRIÇÕES GRATUITAS: [oficina@truzonadeteatro.com](mailto:oficina@truzonadeteatro.com)

Realização:  
**TRUPE ZONA DE TEATRO**  
Apoio:  
**MECITRA** **USINA DAS ARTES**

Foto 7. Foto de divulgação. Maio de 2016. Foto e Arte Gráfica: Giovanna Zottis

## **Referências bibliográfica**

LECOQ, Jacques. O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: Editora SENAC São Paulo; Edições SESC SP, 2010.